ISSN: 2358-8829

DIÁLOGO INTERCULTURAL NA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: TRABALHO DE CAMPO, TERRITÓRIO E PROTAGONISMO FEMININO [1]

Pablo Guilherme de Lima Amorim [2]
Luiz Carlos Luz Marques [3]

INTRODUÇÃO

A realidade cotidiana das escolas públicas brasileiras é atravessada por dificuldades históricas em questões orçamentárias e institucionais que frequentemente restringem as práticas pedagógicas de campo. Barreiras estruturais e a carência de recursos para o transporte extraescolar convertem as atividades didáticas de campo em exceções no calendário letivo. Consolida-se, desse modo, a prevalência de metodologias expositivas que limitam a apreensão dos componentes curriculares à lousa e ao livro didático. No entanto, a vivência pedagógica fora da sala de aula demonstra que o conhecimento das Ciências Humanas está encarnado nos lugares, na materialidade das paisagens e na construção e reconstrução dos territórios.

Essa atenção para uma presença mais viva de atividades imersivas dentro do cenário formativo atual reveste-se de urgência diante da conjuntura contemporânea, caracterizada pelo alastramento da desinformação, pela hostilidade sistemática ao conhecimento científico e pela banalização das desigualdades e da violência. Na formação básica, o ensino de História e Geografia tem o dever ético e político de combater o fatalismo imobilizante, estimulando nos jovens a curiosidade, a autonomia intelectual e a leitura crítica do mundo. É nesse contexto que a extensão universitária afirma sua vocação, estabelecendo pontes entre a produção acadêmica e a comunidade escolar pública.

---

[1] Trabalho derivado de uma das multiplas atividades do projeto de ação de extensão comunitária não curricularizada “Elas Contam: Vozes do Empoderamento Feminino na Comunidade”, financiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), coordenada pelo Prof. Dr. Luiz Carlos Luz Marques e desenvolvida em parceria entre a Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP) e a Escola de Referência em Ensino Médio Professor Trajano de Mendonça (EREMPTM).
[2] Graduando do Curso de Licenciatura em História da Universidade Católica de Pernambuco, UNICAP, Bolsista PIBIC/CNPq e Graduando do curso de Licenciatura em Geografia, do Instituto Federal de Pernambuco, IFPE, pablo.00000856336@unicap.br.
[3] Doutor em História Religiosa (1998), pela Universidade de Bologna, Itália. Professor da Licenciatura em História e do Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião, UNICAP. E-mail: luiz.marques@unicap.br.

ISSN: 2358-8829

A partir desses pressupostos concebeu-se a ação de extensão universitária “Elas Contam: Vozes do Empoderamento Feminino na Comunidade” (2025-2026), desenvolvida por meio de cooperação entre a Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP) e a Escola de Referência em Ensino Médio Professor Trajano de Mendonça (EREMPTM), localizada no bairro de Jardim São Paulo, na zona oeste do Recife/PE. O projeto elegeu como eixo estruturante a pesquisa-ação voltada à valorização do protagonismo feminino em comunidades periféricas. A investigação partiu inicialmente da escolha de quatro mulheres de destaque do bairro de Jardim São Paulo, no Recife-PE: Solange Challegre, educadora de apoio com mais de trinta anos como profissional da educação e, atualmente, é responsável pela coordenação pedagógica da escola parceira; Nina Souza, dançarina em cadeira de rodas e multicampeã nacional que transformou em linguagem artística os limites corporais da osteogênese imperfeita, condição conhecida popularmente como “ossos de vidro”; Cirleide Santos, liderança vinculada ao projeto Gelateca Cultura Maria Betânia de Carvalho, movimento cultural independente de incentivo à Leitura, e atuante na militância política e Severina Madalena, mestre em Ciências da Religião e pesquisadora que resgatou a memória de lutas socioespaciais da comunidade Planeta dos Macacos.

Como estratégia de expansão do repertório formativo desses estudantes, realizou-se uma atividade de campo, em junho de 2026, de caráter interdisciplinar, conectando a Região Metropolitana do Recife ao Agreste pernambucano, tendo como destino o município de Bezerros. Partiu-se da premissa de que o deslocamento no espaço permitiria aos educandos confrontar e correlacionar a realidade metropolitana com as formas de protagonismo e economia criativa do interior de Pernambuco. O deslocamento da Zona da mata para o Agreste, percorrendo a rodovia BR-232 constituiu-se em roteiro pedagógico de mediação conceitual, com paradas analíticas voltadas a uma leitura do espaço geográfico, conectando com as matrizes históricas que moldam as paisagens.

O objetivo deste artigo é analisar a atividade de campo e o diálogo intercultural como procedimentos didático-pedagógicos, investigando de que maneira a leitura do espaço ao longo do trajeto e a roda de conversa com artesãs no Memorial J. Borges potencializaram a apropriação teórica e a valorização das trajetórias femininas entre o Agreste e a comunidade periférica do Recife. Metodologicamente, trata-se de um relato de experiência pautado na pesquisa-ação participante, cujo resultados foram sistematizados pela produção de um documentário autoral de culminância.

REFERENCIAL TEÓRICO

ISSN: 2358-8829

A fundamentação teórica deste trabalho articula os pressupostos da pedagogia freiriana às discussões contemporâneas sobre a mediação pedagógica das práticas de campo no ensino de Geografia. Em *Pedagogia da Autonomia*, Paulo Freire (2002) postula que a tarefa do educador crítico não reside em transferir conhecimentos acumulados, mas em criar as condições concretas para a sua construção dialógica. Tal princípio contrapõe-se ao modelo da "concepção bancária", na qual o professor atua como depositante de informações sobre educandos passivos e desconectados de seu contexto existencial. Na perspectiva freiriana, "a leitura do mundo precede a leitura da palavra" (Freire, 2002): antes da decodificação puramente abstrata da literatura, os educandos exercitam uma leitura sensorial, afetiva e vivencial de sua própria realidade concreta.

O diálogo autêntico edifica-se como exigência ontológica da condição humana inacabada. A prática docente que pretende ser crítica, segundo Freire (2002), exige o respeito aos saberes socialmente construídos pelos educandos das classes populares, operando a passagem metódica da curiosidade ingênua para a curiosidade epistemológica. Essa transição não ocorre espontaneamente; demanda uma intervenção pedagógica orientada pela *práxis*: unidade indissociável entre ação e reflexão, que capacite os sujeitos a desvelar e interpretar as contradições estruturais da sociedade.

No âmbito da Educação Geográfica, as reflexões de Braga (2016), demonstram que as práticas de campo constituem procedimentos privilegiados de mediação entre a Geografia Acadêmica e a Geografia Escolar. Contudo, a autora adverte que termos como *trabalho de campo*, *pesquisa de campo* e *aula de campo* não devem ser tratados como sinônimos casuais, pois carregam intencionalidades distintas. Enquanto a pesquisa de campo possui finalidade investigativa, a aula de campo configura-se como procedimento didático intencional. Longe de reduzir-se a uma excursão contemplativa ou a um mero deslocamento recreativo, modelos passivos historicamente criticados por Alentejano e Rocha-Leão (2006) e retomados por Braga (2016), a aula de campo mobiliza a fundamentação teórica prévia e estrutura um roteiro metodológico rigoroso, convertendo o espaço vivido em meio mediador para a consolidação da autonomia intelectual dos educandos (Braga, 2016).

Se torna importante ressaltar que, sob a ótica de uma racionalidade prático-reflexiva e comunicativa discutida por Braga (2016), a aula de campo e o trabalho de campo, em determinadas atividades, se entrecruzam: ao serem desafiados a registrar a paisagem em anotações, colher narrativas orais e sistematizar os achados empíricos na forma de um vídeo-documentário, os estudantes não atuam apenas como ouvintes, mas realizam um autêntico

ISSN: 2358-8829

trabalho de campo discente, assumindo a pesquisa como princípio formativo indispensável à leitura do espaço.

Nesse contexto, os conceitos de paisagem e espaço geográfico são mobilizados à luz da teoria de Milton Santos (1994), que concebe o espaço como um conjunto indissociável de sistemas de objetos e sistemas de ações. Ao analisar a paisagem visível ao longo do rodoviário e nos pontos de parada, os educandos transitam da aparência das formas à essência das relações de produção e poder que as estruturam. Ademais, a categoria território assume papel essencial para compreender as diferenças regionais e as dinâmicas de gênero: historicamente, o trabalho feminino é marcado pela subalternização econômica patriarcal. A prática de campo visa, portanto, busca dar evidência a centralidade dessas trabalhadoras na construção material e simbólica do território.

METODOLOGIA

A intervenção em campo analisada neste estudo articulou as dimensões de aula de campo e de trabalho de campo por meio da pesquisa-ação extensionista como método estruturante do projeto de extensão “Elas Contam: Vozes do Empoderamento Feminino na Comunidade”, articulando a produção do conhecimento à intervenção social emancipatória.

A imersão em campo envolveu 32 estudantes matriculados em diferentes turmas do Ensino Médio da Escola de Referência em Ensino Médio Professor Trajano de Mendonça (EREMPTM), sediada em Jardim São Paulo, Recife/PE. A mediação foi realizada conjuntamente por estudantes tanto da licenciatura em História (UNICAP), quanto do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião e pelo coordenador do projeto. A ação pedagógica desdobrou-se em três etapas complementares que articularam momentos preparatórios, práticos e avaliativos. Inicialmente, na etapa pré-campo voltada à problematização na escola, realizou-se um encontro preparatório no qual foram debatidas as categorias de território, relações de gênero e trabalho comunitário, estabelecendo o referencial de escuta dos discentes.

Em seguida, desenvolveu-se a etapa de campo referente ao roteiro didático na BR-232 e Bezerros, realizada no mês de junho de 2026, com saída às 7 horas do sábado em direção ao Agreste. Ao longo do percurso, o trajeto foi estruturado em quatro paradas didáticas com objetivos formativos explícitos. A primeira parada ocorreu na frente da Pedreira Itamatamirim, promovendo uma discussão sobre exploração mineral, geomorfologia regional, órgãos de fiscalização ambiental e a divisão sexual do trabalho em espaços historicamente

ISSN: 2358-8829

masculinizados, contrastada com a atuação de ativistas climáticas femininas. Na segunda parada, realizada no Mirante Nossa Senhora das Graças, em Gravatá, procedeu-se à observação da transição climática e vegetacional entre a Zona da Mata e o Agreste sob o Planalto da Borborema, discutindo o impacto da morfologia nas formas históricas de ocupação socioeconômica e a inserção da mulher nesse cenário econômico. Posteriormente, na terceira parada, no Bairro São Sebastião, em Bezerros, estabeleceu-se um ponto de observação panorâmica da cidade e do meio rural circundante, com análise da agricultura familiar.

Por fim, a quarta parada concentrou-se no Memorial J. Borges, também em Bezerros, proporcionando a imersão no universo do cordel, da xilogravura e do artesanato popular. A identidade do município projeta-se internacionalmente em torno de duas grandes manifestações que operam como autênticas "âncoras de memória" e pilares da sua economia criativa: as mundialmente consagradas xilogravuras bezerrenses, matrizes talhadas em madeira que narram o imaginário sertanejo, e os festejos carnavalescos dos Papangus [4] , cuja máscara artesanal em papel machê define o patrimônio carnavalesco local (Valentim; Cordeiro; Silva, 2024). Nesse cenário em que arte e memória territorial convergem, a atividade culminou em uma roda de conversa dialógica entre os estudantes e três artesãs da cidade: Josy, dedicada à confecção e pintura das tradicionais máscaras dos papangus; Edna, atuante na xilogravura; e Solange, artesã na técnica do crochê. A escolha de mulheres artesãs fundamentou-se na intenção pedagógica de enfatizar o protagonismo feminino na cultura bezerrense: as mãos femininas também sustentam e transmitem os saberes de geração em geração e asseguram a reprodução material familiar por meio da criação artística, afirmando-se como guardiãs ativas da memória cultural de Bezerros.

A culminância do processo deu-se na etapa pós-campo, na qual foi realizada a análise reflexiva das anotações feitas pelos estudantes, a organização do acervo fotográfico e a produção coletiva, pelas e pelos estudantes da EREM, de um vídeo-documentário como produto da atividade. Nesse percurso, os instrumentos de registro de dados compreenderam anotações realizadas ao longo do campo e fotografias capturadas pelos participantes.

[4] A figura do Papangu constitui uma das mais emblemáticas expressões da identidade e da memória coletiva de Bezerros/PE. A tradição remonta ao século XIX, com registros documentais datados de 1881, quando foliões se mascaravam com túnicas e coberturas faciais rústicas para brincar o Carnaval nas ruas sem revelar sua identidade. O termo "papangu" originou-se do hábito desses mascarados de visitar residências para comer angu de milho oferecido pelos moradores. Ao longo do século XX, os adereços evoluíram de papéis de embrulho improvisados para a técnica do papel machê, convertendo as máscaras em obras de arte popular e esteios da memória cultural e do turismo agrestino (Valentim; Cordeiro; Silva, 2024).

ISSN: 2358-8829

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A transposição das fronteiras físicas da escola possibilitou aos estudantes do Ensino Médio vivenciar a geografia e a história de Pernambuco como processos sociais em movimento. O trânsito pela BR-232 não se reduziu ao mero traslado; configurou-se como itinerário formativo pautado na observação direta e na problematização dialógica.

Na primeira parada, na entrada da Pedreira Itamatamirim, o debate centrou-se na extração mineral como intervenção antrópica de grande escala. Os educandos foram estimulados a analisar os aspectos naturais e o papel regulador de órgãos de fiscalização ambiental na contenção de impactos à biodiversidade, contrapondo empreendimentos regulamentados, como a própria pedreira em questão, ao cenário predatório de garimpos ilegais no país. A partir desse contexto, problematizou-se a divisão sexual do trabalho: o setor da mineração, historicamente alicerçado no imperativo da força física masculina, serviu de contraponto para discutir preconceitos de gênero na inserção profissional feminina. Recuperou-se, ainda, a projeção internacional de lideranças ambientais jovens como Greta Thunberg, demonstrando a participação feminina na defesa climática global.

A segunda parada, realizada no Mirante Nossa Senhora das Graças, em Gravatá, operou uma quebra de escala. Situado na escarpa do Planalto da Borborema, o mirante proporcionou a observação empírica da transição entre a Zona da Mata e os primeiros traços do Agreste. A natureza geológica e a altitude foram discutidas como fatores que condicionam os microclimas. Essa leitura da paisagem física conectou-se de imediato à dimensão humana: os estudantes foram instigados a pensar como tais condicionantes naturais moldaram as frentes históricas de povoamento e as alternativas produtivas regionais, lançando a indagação central sobre o lugar e as funções assumidas pelas mulheres nas economias dos municípios do interior.

A terceira parada, no Bairro São Sebastião, área rural de Bezerros com relevante altitude, funcionou como um mirante para analisar as relações campo-cidade na produção do espaço. A partir desse ponto, os estudantes puderam observar o contraste entre o núcleo urbano adensado e as áreas agrícolas de policultura tradicional em propriedades familiares. Na mediação com o grupo, problematizou-se como a agricultura familiar local lida com o trabalho feminino: as mulheres desempenham funções no preparo da terra, na semeadura, na colheita e na comercialização nas feiras livres regionais. Contudo, como desdobramento de uma histórica estrutura patriarcal, esse trabalho produtivo é costumeiramente invisibilizado e categorizado

ISSN: 2358-8829

pela própria comunidade como “ajuda” doméstica, retirando dessas trabalhadoras o reconhecimento de sua produção.

Na roda de conversa realizada na quarta parada, viabilizou-se uma circulação afetiva. As artesãs compartilharam suas trajetórias de vida, detalhando a aprendizagem de seus ofícios e os obstáculos econômicos e os casos de machismo enfrentados para viabilizar a autonomia financeira por meio da arte popular.

Para as e os jovens estudantes oriundos da periferia recifense, o testemunho das artesãs produziu um choque de empatia e identificação crítica. As narrativas de Josy, Edna e Solange convergiram diretamente em pontos comuns com as histórias de Solange Challegre, Nina Souza, Cirleide Santos e Severina Madalena trabalhadas previamente por palestras na escola. Os educandos perceberam que, a despeito das diferenças territoriais entre a metrópole litorânea e o Agreste, as mulheres populares partilham da necessidade da resistência.

O vídeo-documentário que representou a culminância pedagógica da intervenção concretizou-se em um material produzido integralmente pelos estudantes da EREMPTM. Esse processo expressou a dimensão da autoria discente. Ao gravarem depoimentos e selecionarem filmagens e fotos da pedreira, do mirante e da zona rural de Bezerros, os educandos exercitaram a síntese crítica dos saberes assimilados em campo. O documentário deixou de ser apenas um trabalho escolar para converter-se em veículo comunicativo autoral.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência desenvolvida com os estudantes do Ensino Médio da EREMPTM demonstrou a fecundidade da articulação entre universidade e escola pública. Ao desafiar os limites materiais e burocráticos do cotidiano escolar, a atividade afirmou-se como mediação didático-pedagógica estratégica, demonstrando a vitalidade das Ciências Humanas na compreensão do mundo.

O percurso didático pela BR-232 proporcionou uma leitura integrada da paisagem pernambucana, demonstrando na prática a indissociabilidade entre a Geografia Física e a Geografia Humana.

No Memorial J. Borges, a roda de conversa com as artesãs Josy, Edna e Solange consagrou o diálogo intercultural. A circulação de saberes entre as artesãs de Bezerros e os jovens do Recife permitiu reconhecer que o protagonismo feminino não é uma categoria abstrata, mas uma prática concreta. Por fim, a produção do documentário pelos próprios estudantes ratificou o compromisso freiriano da emancipação: ao reconstruírem a experiência

vivida pela linguagem audiovisual, os educandos afirmaram-se como sujeitos críticos de sua história e protagonistas legítimos de sua aprendizagem.

Palavras-chave: Trabalho de Campo, Protagonismo Feminino, Saberes Populares, Extensão Universitária.

REFERÊNCIAS

ALENTEJANO, P. R. R.; ROCHA-LEÃO, O. M. **Trabalho de campo: uma ferramenta essencial para os geógrafos ou um instrumento banalizado.** Boletim Paulista de Geografia, São Paulo, n. 84, p. 51-57, 2006.

BRAGA, C. A. de. **A percepção dos professores do IFPE na contribuição do ensino da geografia**: a aula de campo como mediação pedagógica. 2016. 144 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2016.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002. (Coleção Leitura).

SANTOS, M. **Técnica, espaço, tempo**: globalização e meio técnico-científico-informacional. São Paulo: Hucitec, 1994.

VALENTIM, Maria Caroline Franco; CORDEIRO, Hilda Lara Sousa; SILVA, Emanuelle Kelly Ribeiro da. **Entre a máscara e a memória: a simbologia das máscaras dos Papangus de Bezerros.** In: COLÓQUIO DE MODA, 19.; CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA, 18., 2024.: ABEPEM, 2024.